



NOTÍCIAS / COLUNAS

---

COLUNA CAROS BRASILEIROS

# Eles não ligam pra gente

Sem enfermeiros, caixas, policiais, motoristas de ônibus, profissionais de limpeza e outros trabalhadores que a crise do coronavírus mostrou serem essenciais, nenhum país anda. É hora de reconhecer o seu valor.



Profissionais de limpeza pública trabalham nas ruas do Rio de Janeiro

Caros brasileiros,

Nestes tempos de coronavírus parece que tudo mundo está fazendo *home office*. Parece. Pois, na realidade, o *home office* aqui, na Alemanha, ganhou uma nova conotação. Se antes era visto como um instrumento para conciliar trabalho e família, hoje é considerado um refúgio dos privilegiados.

"Esses privilegiados à noite saem nas varandas para aplaudir a nova elite do país", escreveu o jornal semanal *Die Zeit*. A "nova elite" a que o jornal se refere são profissionais que, há até bem pouco tempo, eram pouco valorizados: o auxiliar de enfermagem que trabalha sem material de proteção. O agente funerário, que se depara com um luto nacional. Os profissionais de limpeza que desinfetam ruas e hospitais.

São os caminhoneiros, que garantem o abastecimento nos supermercados. Os caixas, que atendem os clientes sob o risco de serem contaminados. O trabalhador rural, que planta e colhe. O entregador de comida, o condutor de ônibus, o policial, os cuidadores, educadores, professores e, sobretudo, os profissionais da saúde.

Na Alemanha, todos esses profissionais são agora "essenciais". A epidemia mostrou que são eles que põem o país para funcionar. Será que, desta vez, com toda essa valorização, o salário desses profissionais "essenciais" finalmente vai aumentar?



Michael vestiu a camisa do Olodum na favela Dona Marta

Esse debate me lembra de uma música famosa do Michael Jackson: *They don't care about us* (Eles não ligam pra gente), sobre a discriminação da população pobre no mundo inteiro. O vídeo da música foi produzido em fevereiro de 1996 no Brasil. Uma parte foi filmada no Pelourinho, em Salvador, com o apoio do grupo Olodum. A outra parte foi gravada na favela Dona Marta, no Rio de Janeiro.

Nesse vídeo, os percussionistas do Olodum deram um show de ritmo, suingue, ginga e orgulho negro. Michael Jackson, pálido e magro, cantou e dançou no meio deles, e ficou bem claro: sem a participação brasileira, a música de Michael Jackson não anda, o clipe não tem força nem animação.

Me lembrei desse videoclipe, dirigido pelo famoso Spike Lee, agora no meio da crise do coronavírus. Michael Jackson quis valorizar a cultura negra no Brasil, quis mandar um sinal contra a discriminação e a pobreza. Ele saiu dando beijinhos nos becos da Dona Marta e no Pelourinho. Ele declarou seu amor pelo Brasil. Ele vestiu a camisa do Olodum e dançou no telhado dos barracos.

Depois de ter gravado cenas coloridas e impactantes, Michael viu as vendas do single dispararem. Na Europa, *They don't care about us* conquistou os primeiros lugares nos charts e recebeu disco de ouro. A fama de Michael Jackson cresceu, mas a pobreza na Dona Marta e nas ruas de Salvador da Bahia continuou.

O coronavírus deixou essas profundas rachaduras sociais novamente evidentes. A "nova elite" pode até ganhar palavras de elogio, mas continua ganhando uma miséria. Continua morando em favelas dominadas pelo tráfico, continua sem plano de saúde, sem previdência ou proteção trabalhista.

## Michael Jackson - They Don't Care About Us (...)



Corona tem classe, quarentena tem classe, na Alemanha como no Brasil. E músicos, políticos e pastores que criticam essa injustiça social e ao mesmo tempo tentam se promover em cima disso, infelizmente não contribuem para mudar esse quadro. É o sucesso da hipocrisia: criticar "a velha

elite" e ao mesmo tempo pertencer à ela e defender os seus interesses.

*They don't care about us? They should care about us. They will care about us.* Em vez de esperar um reconhecimento que nunca vem, é melhor que a "nova elite" brigue e conquiste seus direitos, que são mais do que merecidos.

O coronavírus ainda pode levar a mudanças imprevisíveis.

--

*Astrid Prange de Oliveira foi para o Rio de Janeiro solteira. De lá, escreveu por oito anos para o diário taz de Berlim e outros jornais e rádios. Voltou à Alemanha com uma família carioca e, por isso, considera o Rio sua segunda casa. Hoje ela escreve sobre o Brasil e a América Latina para a Deutsche Welle. Siga a jornalista no Twitter @aposylt e no astridprange.de.*

---

A Deutsche Welle é a emissora internacional da Alemanha e produz jornalismo independente em 30 idiomas. Siga-nos no [Facebook](#) | [Twitter](#) | [YouTube](#) | [App](#) | [Instagram](#) | [Newsletter](#)

LEIA MAIS

---

**"Oh amigos, mudemos de tom!"**

Justamente no momento em que a Europa pretendia lembrar os 250 anos de Beethoven, a Alemanha ficou muda. Em tempos de coronavírus, devemos ser gratos ao compositor por sua música e por ter mostrado o poder do silêncio. (19.03.2020)

---

**Esqueçam a Alemanha perfeita!**

Fonte de mel e euros: assim a Alemanha é vista por muitos. Uma imagem não só pesada de carregar: ela é também falsa. É possível reconhecer os defeitos do próprio país e continuar amando-o. O Brasil ensina isso.

(04.03.2020)

## Quem é mesmo o "selvagem"?

A Amazônia não tem nada de romântica, constatou a colunista em 1993, ao visitar reserva ianomâmi. Lá se chocam indígenas discriminados e imigrantes empobrecidos. Por que a sobrevivência de um significa a morte do outro? (20.02.2020)

**Data** 03.04.2020

**Autoria** Astrid Prange

**Assuntos relacionados** [Colunas](#)

**Palavras-chave** [coluna Caros Brasileiros](#), [Michael Jackson](#), [Olodum](#)

**Feedback** : [Envie seu comentário!](#)

**Imprimir** [Imprimir a página](#)

**Link permanente** <https://p.dw.com/p/3aOwX>

### MAIS DA MESMA EDITORIA



**Com medo da penúria e da morte? Bem-vindos ao mundo real** 03.04.2020

A pandemia de covid-19 democratizou a insegurança e o receio do futuro que já afligia milhões de brasileiros. Resta saber se os abastados aprenderão alguma coisa com isso.



**Bundesliga em compasso de espera** 01.04.2020

Clubes estão preocupados com prejuízos de longa paralisação e temem pela sua sobrevivência, e dirigentes já falam que epidemia pode levar a reavaliação de algumas práticas, como os altos salários e transferências caras.



**Uma "gripezinha" que pode acabar derrubando Bolsonaro** 26.03.2020

Justamente em meio à crise do novo coronavírus, o presidente resolveu travar uma briga egocêntrica com governadores. E ele pode se dar mal nessa, escreve o colunista Thomas Milz.